



Cresci para ser invisível, para ser uma pária, um nada ou, talvez, como nas palavras de meu pai, uma mundiça. Mas foi agachando para limpar rodapés nas faxinas em que acompanhava minha mãe, Dona Salette, com dois tês, que aprendi que, por mais que tentassem nos tornar invisíveis, era na excelência do trabalho entregue que iriam sentir e desfrutar das nossas competências. Minha primeira e mais potente formação foi na faxina.

Anos depois, a ditadura me ensinou, no “joga pedra na Geni”, quais são as corpas que se violam, e mais uma vez a menina que sentava debaixo da escada no gabinete do prefeito era a mesma que, mais tarde, levantaria da calçada após ser pisada pelo coturno do policial, que na sequência violaria seu corpo. E que, em terreiros de candomblé, aprendeu que o corpo não se viola, porque é instrumento de Orisá, de divindade; o corpo é o instrumento do gênero.

NEON CUNHA

A menina sonhava que já era mulher;  
afinal de contas, cada uma de nós sabe  
a profundidade da própria existência.  
Ela também aprendeu que as utopias são  
possíveis – a tecnologia, a ciência, as artes  
e as culturas nos provam isso todos os dias.  
Sendo assim, reconheço as garras afiadas  
por Dona Salette, essa pantera desejosa  
de que suas crias voassem alto. Panteras  
só gestam panteras. E nós, as negras,  
anomalias produzidas pelo melanismo  
felídeo, nem sequer sabemos  
onde nasceremos; surgimos e ocupamos  
vidas, muitas vezes indesejadas.

Então, mais do que nos autonearmos, é  
preciso garantir que ouçam nossos nomes  
e que os honrem – e por isso agradeço e  
reconheço a potência de mulheres negras  
das mais diversas possibilidades de existir,  
mas é a vocês, jovens trans e travestis, aves  
de rara beleza, que peço que voem alto,  
fazendo sombra para que a pantera possa  
se camuflar. E, nesse mimetismo, eu garanto  
a vocês um pouso seguro, onde os medos  
não podem substituir os sonhos.

Neon é um gás nobre que, ao ser atravessado por uma corrente elétrica sob baixas pressões, emite uma luz brilhante de diferentes tonalidades. O nome vem do grego “novo”. Neon Cunha é uma mulher negra, ameríndia e transgênero que ofereceu a vida para mudar procedimentos legais abusivos exigidos em processos de troca de nome e de gênero de pessoas trans. Neon é nova, colorida e brilhante.

Sua história começa em uma família humilde que migra de Minas Gerais para o ABC Paulista, na década de 1970, em busca de melhoria de vida. Não lhe faltava amor, principalmente da mãe, Dona Salette, que a entendia e acolhia. Por isso, ainda na primeira infância, a mãe a levava para o trabalho de faxineira a fim de protegê-la da violência de gênero do meio machista em que estava.

E foi na faxina que Neon afirma ter se descoberto feminina. Lavando prato, limpando a casa, cozinhando. Ela aprendeu logo a ficar quieta e calada para evitar confrontos e humilhações. E foi desenvolvendo suas táticas para que a vida não lhe escapasse.

Seguiu seu trajeto, repleto de violências e de exclusão. Racismo, homofobia, apofobia. Mas não parou. Estudou, aprendeu, produziu, sobreviveu e se destacou, sem perder de vista as belezas. E encontrou no caminho mulheres que a acolheram: uma professora que usava o pseudônimo Carila Aliel, a amiga Ilva Aceto Maranesi e tantas outras.

Neon relata que a primeira ameaça de violência sexual foi em seu primeiro emprego regular, aos 12 anos, no almoxarifado da empresa. Conseguiu escapar. Mas, ao longo da vida, à medida que se encontrava como pessoa e mulher no meio do trottoir do Centro de São Paulo, ela enfrentou outras violências, inclusive sexuais, e de algumas não teve como fugir. Viu conhecidos e amigos ser executados. Acompanhou de perto a classe artística, a vadiagem, todos os tipos comungando desse espaço libertário e cruel que a noite propicia.

Foi expulsa de casa. Formou-se na universidade, trabalhou como publicitária, diretora de arte, no mundo da moda, sempre atenta às suas iguais trans, e levando em sua trajetória quem podia.

Em 2016, pediu à Justiça o direito à morte assistida caso não pudesse mudar de nome e de gênero sem o diagnóstico médico de uma patologia. Conseguiu e abriu uma porta para muitas outras pessoas seguirem esse caminho. Segundo ela, nada mais nada menos do que o que assegurava a “Constituição”, em vigor na época havia 28 anos.

No mesmo ano, virou o nome de uma ONG em São Bernardo do Campo (SP), a Casa Neon Cunha, que presta serviços de atendimento psicológico, de nivelamento educacional e de articulação de rede para pessoas LGBTQIA+ e seus familiares.

Para Neon, inspirar é alimentar sonhos, afastar medos e estimular outras pessoas a sonhar. E assim ela segue, onde quer que atue, seja na arte e na moda ou assistindo os excluídos, com a certeza de que as coisas mudam e melhoram, e de que o rastro de dor e humilhação que marca a vida de uma pessoa trans não pode durar para sempre. Para sempre são suas características: nova, colorida e brilhante.



**UMA MULHER DE POEIRA CÓSMICA** Quando o verbo respirar se fez carne e habitou entre as mulheres, desde sempre, ela já estava. Não há cronologia que dê conta de sua existência nem documento, cartório ou retificação maior que olhar na cara da morte todos os dias e a cada vida ceifada de uma das suas. Afinal, continuamos validando o mórbido mantra de que o Brasil é o país que mais mata travestis, desde sempre. E até quando? • Subverter, retorcer, carbonizar a estatística, quebrar o “cistema” (o sistema cis) a cada dia deve ser muito cansativo; é preciso, de vez em quando, subir e buscar ar, encher os pulmões com reserva para manter a energia vital, isso que também se conhece por inspirar. É preciso que uma mulher negra, ameríndia e transgênero ultrapasse um marco de meio século respirando para nos lembrar que tantas outras não acessam esse direito básico, e simplesmente porque não existem garantias para quem transpira na borda da existência. • Neon atua em muitas frentes em prol da restituição das humanidades, posicionando seu trabalho seja em moda, publicidade, curadoria, gestão pública ou na produção de pensamento crítico, como trincheiras para problematizar nossa cultura hegemônica, que segue renovando os pactos patriar-

cais, em especial na luta por garantias de direitos daquelas que se inscrevem nas interseções entre raça e gênero. • No auge da pandemia de covid-19, Neon mobilizou uma campanha para a materialização da Casa Neon Cunha, em São Bernardo do Campo. Um espaço de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em estado de vulnerabilidade social. Desde março de 2022, a casa é uma realidade que concebe e impulsiona projetos para a restituição da cidadania e a melhoria de vida dessa população. • Quando Neon se mexe, um tanto de nós se move junto. Celebrar, abraçar e agradecer sua existência luminosa é, também, movimento ativo. Um oráculo digital me soprou que a “explosão de algumas estrelas

e a formação de outras levam à libertação de grandes quantidades de gás, fazendo neon espalhar-se nas nebulosas”. É isso, Neon também é poeira cósmica aqui mesmo na Terra, e assim a apresentamos, saudando sua existência e evocando outras iniciativas para que mais e mais mulheres negras, mais e mais mulheres trans brilhem, VIVAS, entre nós. **GALIANA BRASIL**